

14-07-2020

Rolezinho Virtual

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Venho acompanhando as redes sociais há alguns anos, não só por força de minha área de conhecimento e atuação, mas por paixão e admiração. A evolução da espécie humana deu-se muito mais eficazmente pela evolução tecnológica do que pela evolução do respeito aos humanos entre si. Desde as primeiras sacadas de construir abrigos, fazer o fogo e lapidar instrumentos de caça e pesca para a sobrevivência, a humanidade evoluiu. O nascimento da técnica garante a possibilidade de perpetuação da espécie humana.

Sem a técnica, não estaríamos aqui. O homem seria uma entre outras tantas inúmeras espécies extintas do planeta. Mas é sempre bom lembrar que a mesma técnica que elevou o homem à condição de sobrevivente entre tantas espécies foi também capaz de ser utilizada para exterminar o próprio homem.

Até agora, passadas algumas dezenas de milhares de anos, essa extinção foi direcionada para grupos inimigos entre si. Esse ódio direcionado, sob as conjecturas históricas, paradoxalmente evitou o extermínio total da espécie humana. Pelo menos até agora. O andar da carruagem histórica não garante a presença definitiva do homem na Terra, pois a técnica em si não possui a autonomia do respeito a quem ela é direcionada. Técnicas são ferramentas para melhorar as coisas do mundo ou para piorar as coisas do mundo, dependendo das mentes que as criam e das formas como as aplicam. Em outras palavras, técnicas podem salvar a vida humana no planeta, mas pessoas que as usam nem sempre estão preocupadas com isso. Nessa contraditória marcha humana, o conhecimento acumulado das técnicas e o seu aprimoramento a partir do conhecimento científico evoluiu para uma forma sofisticada de sua utilização aperfeiçoada: a tecnologia. Seria factível pensar que essa gradação “superior” da técnica pudesse despertar o respeito ao outro e fazer nascer na espécie o direito humano como avanço tecnológico aplicado.

Bobagem. A tecnologia ampliou o ferramental de colocar grupos inimigos para se exterminarem entre si. E aí, passadas dezenas de milhares de anos, chegamos aqui e agora às redes sociais. Parece muito claro que o avanço tecnológico acirra o desejo e o impulso de grupos para o auto-extermínio.

Não só acirra como também desperta a possibilidade de formas mais sofisticadas de auto-extermínio.

Fake news, hackers, deepweb utilizam técnicas subalternas e até certo ponto ingênuas frente à tecnologia do extermínio desenvolvida fora de nossas fontes de informação acessíveis. Quem já ouviu falar de Guerra nas Estrelas, na época da Guerra Fria, deve imaginar do que estou falando, 5G que o diga timidamente. Tecnologias com capacidade de aprimorar a humanidade estão nas mãos de quem almeja subjugar a humanidade à sua ordem única e autoritária. Nossa sorte é que essa ordem (ainda) não é única. E o que que o rolezinho virtual, dono do título desta página tem a ver com isso? O rolezinho foi criado em São Paulo, há alguns anos, e depois se disseminou por outros centros urbanos do país.

Grupos de jovens, principalmente de comunidades periféricas e com alto grau de exclusão social, sob o comando de um ‘líder’, via face-book marcaram um encontro para se encontrarem num estacionamento de *shopping* e, perseguidos pela segurança do estabelecimento e polícia, correram para o interior do templo sagrado do consumo moderno. Nascia o rolezinho. A moda pegou. E os frequentadores clássicos de shoppings passaram a ter medo dos rolezinhos. Com a pandemia, *shoppings* fechados, escolas fechadas, fascismo infiltrado, inclusive em algumas igrejas e em seus veículos de comunicação, a garotada quer exercer sua rebeldia e identidade contestatória. Para onde eles vão? Claro, para a nova ordem virtual acessível a eles - a internet -, em locais que antes eram inexpugnáveis: escolas em geral, inclusive universidades, e lives de shows e artistas que jamais poderiam ver ao vivo. É possível que tenham por trás uma orquestração (adulta ideológica) direcionada para intervirem principalmente em conferências com palavras chave como sindicato, trabalhadores, exploração, luta de classe, fascismo, direitos humanos, meio ambiente, Paulo Freire, etc... Mas, sinceramente, não acredito nisso.

São jovens que o Estado brasileiro abandonou e se rebelam contra as coisas a que deveriam ter acesso e são impedidos, principalmente às universidades.

Essas invasões, batizadas de *zoombombing* (pelo FBI), não são exclusividade brasileira. Estão presentes em países onde há injustiça e desigualdade social e nos quais jovens excluídos são entregues à própria sorte.

As formas de manifestação vão flutuar em função das culturas locais e tradicionais, segundo a moda vigente.

continua

<p>No Brasil, é evidente que, num contexto fascista e antidemocrático, os jovens incorporam valores pelos falsos discursos de mudança das coisas. As coisas que lhes afligem. Do combate à violência pelo extermínio de bandidos que justificam a violência de Estado, à defesa de milícias, e do apoio de pastores evangélicos ao discurso governamental incitando a beligerância da população que deve ser armada, os valores de uma ética social humana de respeito ao outro vão sendo eliminados. O rolezinho virtual é um pouco disso.</p> <p>Tenho visto várias reportagens sobre as invasões nessas <i>lives</i> (laives). Eu mesmo presenciei já várias. Algumas chocantes. Mas, todas, aparentemente inofensivas. E as pessoas morrem de medo. Eu vi o medo nas pessoas. Pessoas que morreriam de medo num rolezinho de <i>shopping</i> hoje morrem de medo numa invasão de laive, no conforto de suas casas.</p> <p>Medo de suas senhas? Medo de suas identidades sociais de classe serem confrontadas? Medo de quais fantasmas? Medo de si pela incapacidade de reagir?</p>	<p>Medo de seus computadores serem invadidos? Será que elas ainda não perceberam que suas vidas já foram invadidas para consumir sempre mais ou atingir metas em seus trabalhos e terem medo o tempo todo? O medo é a razão dominante do avanço tecnológico para o controle absoluto dos nossos direitos humanos. Ou, será que não há uma pandemia do medo? São perguntas que devemos nos fazer.</p> <p>Como operário de comunicação social tomei para mim a seguinte lição: quando eu estiver numa laive e o rolezinho virtual acontecer, vou me abstrair, observar o que dizem, o que mostram, o que está por trás de seu abandono e esperar que saiam da laive com suas questões não resolvidas pelo Estado brasileiro.</p> <p>Enquanto isso, esperarei como se eu estivesse num <i>shopping</i>, na praça de alimentação tomando um chopp. Aí, quando a garotada sair da laive continuarei debatendo os rumos de um país injusto e perguntando aos que continuarem na laive: de que têm medo?</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	